

O pornôgrafo *ingênuo*: Carlos Zéfiro entre a História e a memória.

ERIKA CARDOSO*

“Pois quando a repressão grita desesperada: quem é afinal Zéfiro? Todos nós respondemos em coro, com aquela convicção formidável: Zéfiro somos todos nós...”

Roberto DaMatta

“Zéfiro, porém, não se pertence”

Juca Kfoury

Ao longo das décadas de 1950 e 1960 prosperou no Brasil um gênero de publicação clandestina que ficaria conhecido como *catecismo*, ou *revistinha de sacanagem*. Eram pequenas revistas, impressas em preto e branco, em formato ¼ de ofício, no papel jornal, que narravam encontros sexuais ricamente ilustrados. Eram produzidas, distribuídas e comercializadas de forma clandestina, à margem das interdições legais. Dentre os inúmeros autores e ilustradores de *catecismos*, todos anônimos que, quando muito, assinavam com pseudônimos ou anagramas, um se destacou a ponto de confundir-se com o próprio gênero: Carlos Zéfiro, pseudônimo do funcionário público e compositor nas horas vagas¹ Alcides Aguiar Caminha (1921 – 1992), a quem são atribuídos² mais de 800 títulos³.

Os *catecismos* surgem num contexto de interdição aos materiais ditos pornográficos⁴. Em fins do século XIX surgiram no Brasil inúmeras publicações de apelo sexual, conhecidas

* Universidade Federal Fluminense/UFF. Mestranda PPGH/UFF. Bolsista REUNI.

¹ Freqüentador do Ponto dos Compositores, na Praça Tiradentes, Alcides Caminha compôs centenas de canções, tendo destaque, sobretudo, por suas parcerias com Nelson cavaquinho e Guilherme de Brito, com os quais escreveu sucessos como *A Flor e O Espinho*.

² Carlos Zéfiro não assinou todos os seus *catecismos*. Por outro lado, diversos autores e editores usaram o seu pseudônimo, que rapidamente se tornou um atestado de qualidade, como estratégia para vender mais *catecismos*. Os títulos remanescentes são todos atribuídos a Zéfiro, com exceção de uns poucos que trazem assinatura diversa, de sorte que não é possível afirmar que sejam, de fato, de Zéfiro.

³ Em uma entrevista à revista *Semanário*, em 1992, Caminha revelou ter produzido 862 *catecismos*. Na ocasião, entretanto, nem mesmo ele possuía originais desses títulos. Cerca de 500 *catecismos* atribuídos a Zéfiro circulam nos dias atuais, em sites dedicados à memória de Carlos Zéfiro, ou reeditados pela editora A Cena Muda.

⁴ De claro apelo sexual, os *catecismos* são aqui definidos como pornográficos, muito embora seja necessário esclarecer que o termo *pornografia*, definido e difundido a partir do século XIX, na Europa (HUNT, 1999: 10), é comumente carregado de um valor social pejorativo, que o opõe a outro conceito, o *erotismo*. A distinção

como *gênero alegre*⁵, que circularam de forma legalizada, algumas gozando de bastante prestígio durante décadas, apesar dos protestos de setores conservadores da sociedade.

A partir de 1930, com o Estado Novo, as leis que regulam a imprensa se tornam mais austeras e a defesa dos bons costumes, uma missão do Estado. A Censura Federal, instituída em 1932, foi o golpe de misericórdia nas publicações *gênero alegre*, que sumiram de vez do mercado. A criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939, com o objetivo de centralizar e controlar a propaganda nacional e fazer a censura do teatro, rádio, literatura e imprensa não apenas veio sacramentar a tendência, como plantou a semente do que mais tarde seria o Departamento de Censura de Diversões Públicas, criado em 1947, substituindo o DIP, mas mantendo muitas de suas atribuições, que seria também incorporado pelo governo autoritário instituído pelo golpe civil-militar de 1964.

Os *catecismos* surgem, portanto, como alternativa e clandestina ao mercado consumidor de produtos eróticos que desde a virada do século, pelo menos, eram produzidos em grande escala no Brasil, de forma legalizada. Assim como eles, outros produtos marginais de apelo sexual prosperaram a partir de 1940, como os *cordéis de putaria*.

Estruturalmente, os *catecismos* eram pequenas revistas em quadrinhos, rusticamente impressas e encadernadas, a maioria com 32 páginas⁶. Cada uma de suas páginas continha uma ilustração, que tomava quase todo o quadro e representava a cena que estava sendo narrada em poucas linhas em um pequeno espaço, geralmente na margem superior da página. Apesar da produção precária, os *catecismos* eram então o que havia de mais moderno e vanguardista, na medida em que a única concorrência que ainda circulava nos limites da lei eram os livros e revistas de naturismo, cujo apelo sexual, quando havia, era disfarçado sob a égide da ciência.

remete menos a uma diferenciação do conteúdo de tais objetos e mais aos valores sociais e morais, e à legitimidade de que eles gozam nos campos artísticos e literários. Ao longo desta análise, contudo, os termos serão usados como sinônimos, rejeitando-se, assim, a distinção valorativa que eventualmente os acompanha.

⁵ O maior expoente do gênero foi O Rio Nu, periódico carioca lançado em 1998. Existiram também *O Nabo* (1900), *O Nu* (1901), *Sans dessous* (1909), entre muitos outros. Eram muito criticados pela imprensa “séria”.

⁶ Existiram catecismos com mais ou menos páginas, assim como alguns impressos no formato ½ de ofício, mas a grande maioria contava com 32 páginas, no formato ¼. Entre os títulos remanescentes, estes imperam.

Carlos Zéfiro não foi o único, tampouco o primeiro autor do gênero, mas como seus *catecismos* rapidamente se destacaram, seu nome tornou-se uma espécie de marca registrada, um atestado de qualidade das *revistinhas*. Sua popularidade se deve em parte ao fato de Zéfiro ter sido o mais prolífico desses autores⁷, e, em parte às suas qualidades narrativas. Mesmo sendo completamente fiel ao gênero e representando o ato sexual nos seus pormenores, sem atenuantes ou disfarces, Carlos Zéfiro conseguiu, em grande parte das suas histórias, desenvolver enredos envolventes, com começo, meio e fim, que acompanhavam a progressão do desejo sentido pelos personagens. Essas qualidades são especialmente importantes se for levado em consideração o fato de que Zéfiro não sabia desenhar, e decalcava boa parte de suas figuras de outras fontes, como fotonovelas e livros de anatomia⁸, limitando-se a trocar as roupas e penteados dos personagens, ou a simplesmente despi-los (D'ASSUNÇÃO, 1986: 42).

Como um material clandestino, os *catecismos* não deixaram muitos rastros que permitam avaliar sua tiragem, sua circulação e detalhes do seu consumo de forma precisa. Restaram poucos indícios de sua trajetória, mas muitos relatos. Dos títulos remanescentes, raríssimos são os que não foram atribuídos a Carlos Zéfiro, o que impossibilita comparar as técnicas narrativas e estilísticas entre os diversos autores contemporâneos a ele. Por alguma razão, entretanto, os outros foram esquecidos e a memória dos *catecismos* é a memória de Carlos Zéfiro.

Os *catecismos* sumiram do mercado a partir dos anos 1970, quando começaram a chegar ao Brasil, também clandestinamente, revistas coloridas de mulheres nuas e insinuantes, vindas da Dinamarca e da Suécia. Nos anos 1980 foram publicados três livros dedicados a Zéfiro e suas *revistinhas de sacanagem*, dois deles organizados por Joaquim Marinho⁹, o

⁷ É necessário lembrar que na conta de Zéfiro estão também os *catecismos* não assinados e aqueles aos quais seu nome foi acrescentado, mas que isso não desmente, necessariamente, o fato de Zéfiro ter sido o que mais produziu.

⁸ Isso explica a repetição de desenhos em diversos *catecismos*, e até mesmo dentro de um mesmo volume. Explica ainda o uso do papel vegetal, técnica que, além de baratear o processo, permitia o decalque. Carlos Zéfiro, no entanto, foi um exímio desenhista de órgãos sexuais, que apesar das desproporções de tamanho e espessura, coisa inclusive muito comum ao gênero pornográfico, recebiam um capricho e um cuidado muito maior do autor.

⁹ *A arte sacana de Carlos Zéfiro* e *Os alunos sacanas de Carlos Zéfiro*.

outro assinado por Otacílio D'Assunção¹⁰. Em todos eles fica clara a sensação dos autores de que Carlos Zéfiro estava sendo esquecido e de que era necessário divulgar sua obra aqueles que não conheceram “este monumento do imaginário nacional”, que representa a “rebeldia juvenil”, a “inocência” e a “simplicidade” (MARINHO, 1983: 11).

Zéfiro não poderia ser mais apropriado aos anos 1980. O processo de redemocratização engendrou profundas discussões e reflexões na sociedade, que envolveram desde o apontamento de heróis e vilões atuantes nas décadas anteriores, em que a ditadura civil-militar governava o país, até os questionamentos acerca de até que ponto o fim da censura seria, de fato, saudável para a sociedade. E em todas essas discussões Zéfiro se encaixava.

No relato de Joaquim Marinho os *catecismos* são simbólicos de sua infância inocente e travessa na Manaus de fins de 1950 e teriam sumido das bancas, juntamente com os jornais de esquerda, na ocasião do golpe de 1964, a partir de quando, segundo ele, o sexo foi considerado subversão e as revistas e seus consumidores foram para a clandestinidade (MARINHO, 1983: 10). Ele, que então já era um colecionador de pornografia, relata ter sido obrigado a registrar sua coleção na Polícia Federal, além de ver suas assinaturas de publicações eróticas estrangeiras suspensas, quando a entrada desse material foi proibida pelo governo.

Mas, para o autor, a perseguição ao erotismo e à pornografia só aumentou sua paixão por eles:

“um dos valores da erótica (...) é o fato dela representar, ao longo da História, a ânsia de liberdade humana, liberdade e alegria de viver (...). Enquanto celebração do princípio vital, a erótica sempre foi odiada e perseguida pelos que odeiam a vida e a liberdade. E o meu espaço de resistência contra os inimigos da vida e da liberdade instalados no Brasil era a erótica (...).” (MARINHO, 1983: 11)

Ele vai adiante e afirma que os inimigos da pornografia são os inimigos da liberdade e que sua forma de resistir à ditadura foi colecionando material erótico. Existe uma confusão

¹⁰ O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro.

evidente entre a censura à imprensa em vigor nos anos ditatoriais pós-1964 e a censura moral, vigorosamente atuante desde a década de 1930.

É interessante perceber ainda que o processo de redemocratização no Brasil trouxe à tona questões para além da política propriamente dita. Aspecto pouco explorado pela historiografia, que diz respeito a tal contexto, refere-se à mobilização social diante do fim da censura. Se por um lado tal instrumento estava associado ao regime autoritário do qual a sociedade pretendia se descolar, por outro, essa mesma sociedade dividia-se diante dos excessos que a abolição da censura poderia acarretar.

O afrouxamento da censura estatal, o advento de novas mídias e tecnologias, assim como as mudanças comportamentais vivenciadas pela sociedade brasileira no decorrer dos anos 1970, colocou em pauta o erotismo e suas representações. Se por um lado ruía a censura vertical, ganhava espaço uma modalidade horizontal de censura, mediada pela própria sociedade que então discutia os limites da liberalização da nudez, do erotismo e da pornografia (KLANOVICZ, 2011).

Mary Del Priore relata episódios em que a sociedade e a imprensa reagiram ao que chamavam de surto de pornografia em 1980, como quando foram liberados os filmes *O Ultimo Tango em Paris*¹¹ e *O Império dos Sentidos*¹². Entre os que afirmavam que pornografia havia ultrapassado os limites estava inclusive a polêmica Cassandra Rios (DEL PRIORE, 2011: 190-193).

O debate em torno dos limites da liberalização do obsceno dividiu a sociedade. Entre aqueles que temiam o descontrole geral e aqueles que temiam a continuidade da repressão, Carlos Zéfiro emerge como uma alternativa. Talvez não o seu quadrinho, exatamente, mas a idéia que naquele momento ele representa: sexo sim, porém simpático, inofensivo. Nesse contexto emerge a memória de Carlos Zéfiro como o ícone de um tempo em que até a pornografia era, supostamente, mais inocente e menos escandalosa. Essas falas

¹¹ Drama erótico franco-italiano, dirigido por Bernardo Bertolucci e estrelado por Marlon Brando. Estreou em 1972, mas só foi liberado para as plateias brasileiras em 1980.

¹² Drama erótico franco-japonês, dirigido por Nagisa Oshima, de 1976.

descontextualizavam os *catecismos* da ambiência moral em que foram produzidos, ao longo dos anos 1950 e 1960, quando eram o que havia de mais moderno e explícito em pornografia disponível e, portanto, não eram nada inocentes, para compará-los com o que a indústria erótico-pornográfica estava produzindo nos anos 1980, quando a tecnologia, assim como a disponibilidade moral dos envolvidos na mencionada indústria, havia se desenvolvido e alcançado o cinema e a TV. Perto de filmes coloridos que exibiam de forma explícita os órgãos e o ato sexual, tudo em movimento, os rústicos quadrinhos de Zéfiro não poderiam ser mais do que ingênuos. E sua memória foi resgatada, atendendo aos anseios presentes.

Ainda nesse momento, um dos movimentos de maior destaque foi o feminismo, que ganhou força durante a década de 1970, no ensejo das transformações políticas, sociais e comportamentais, dando visibilidade pública a questões antes tidas como do domínio privado. Nos primeiros anos de 1980, o feminismo brasileiro sofre algumas transformações. De acordo com Daniela Manini¹³, se na década de 1970 o movimento se caracterizou por uma luta pela igualdade de direitos e papéis entre homens e mulheres, nos anos 1980 ele privilegia a valorização do feminino e sua afirmação dentro de um universo masculino. O oposicionismo é abandonado em prol de um discurso de reclama a harmonia entre os gêneros. A temática, nesse momento, passa a ser as especificidades do sexo feminino, a valorização de uma cultura de gênero que permitiria às mulheres conhecerem a si, a seu corpo e sua mente.

É possível encontrar esse discurso ecoando em diversos comentários a respeito de Zéfiro e seus *catecismos*. A idéia recorrente é de que neles a guerra dos sexos está diluída, e que um dos motivos é justamente o fato da mulher gozar e admitir o seu desejo e o seu prazer é um desses ecos. É uma idéia que harmoniza com o discurso que tira o foco da desigualdade para a peculiaridade, que prioriza o auto-conhecimento, a saúde e o prazer femininos.

No livro *Os alunos sacanas de Carlos Zéfiro*, no qual os artigos são todos assinados por mulheres, exceto a introdução, do autor Joaquim Marinho, a escritora Regina Echeverria tece uma crítica aos “radicalismos” que estimulam a disputa entre os sexos e defende que os *catecismos* “nos colocam diante da óbvia constatação de que, na cama, a luta entre os sexos

¹³ A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. In: http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-3/Artigo-2-p45.pdf.

inexiste em princípio” (ECHEVERRIA, 1986: 11). Ela vai adiante, afirmando de Carlos Zéfiro:

“(...) conclui que realmente revolucionárias são as mulheres que desestimulam a briga com os homens, no mínimo, porque essa é velha. Desde que radicalismos e essa vontade de explicar tudo (ai a psicanálise) tomou conta de mulheres que se sentiam injustiçadas, o discurso feminista ficou pra lá de chato” (ECHEVERRIA, 1986: 12).

No mesmo livro, a antropóloga Maria José Silveira afirma em seu artigo que na prática Carlos Zéfiro foi um autêntico precursor do feminismo, no que o feminismo tem de bom, já que seus *catecismos* evidenciam que as mulheres têm prazer, sabem tomar iniciativas, sempre revestem de paixão o ato sexual e que, com raras exceções, as narrativas nos *catecismos* não dão espaço ao moralismo.

Em um contexto de rearranjos, Zéfiro é resgatado com o olhar e os anseios do presente. Os aspectos de Carlos Zéfiro, considerados altamente positivos por seus comentaristas dos anos 1980, superavam em importância qualquer elemento negativo que porventura fosse detectado na sua narrativa. E esses elementos existem. A opinião de Zéfiro sobre os hippies, por exemplo, não parece nada lisonjeira se a tirarmos pelo enredo dos 4 volumes¹⁴ de *Eu Fui Hipie*. A saga começa com a protagonista declarando “Sim, eu fui hipie. Sempre fui uma garota sacana. Sacana e curiosa. Curiosa e livre.”. No entanto, apenas no 2º volume a moça conhece um *hippie*, “barbudo”, “sujo” e “malcriado”, que ela esconde em casa e com quem mantém relações sexuais. Depois um tempo a moça rouba o dinheiro do pai, as jóias da mãe e foge com o sujeito. Os dois andam juntos por um tempo, o *hippie* a prostitui quando o dinheiro acaba, bate nela e não permite que ela tome banho, para não tirar o “gostinho” de suas partes íntimas.

A própria virgindade é um tabu bastante respeitado por Zéfiro. Em muitas histórias o coito vaginal simplesmente não existe, como forma de preservar o hímen. Quando acontece um desvirginamento, a consequência é o casamento ou, para a desgraça da moça, a fuga do

¹⁴ O 4º livro sugere a existência de uma continuação, mas esta, caso tenha sido escrita, não foi ainda encontrada.

homem envolvido no caso. As diferenças sociais entre os personagens, sobretudo as mulheres, também implicam no tratamento que elas recebem dos parceiros em muitas histórias, assim como episódios de claro racismo não são nada raros nos *catecismos*.

Como Carlos Zéfiro representou relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, é comum encontrarmos falas, como a de D'Assunção (1986: 134), que vejam nisso a prova de que o autor era simpático ao homossexualismo. As relações entre mulheres, entretanto, raramente ocorriam sem a interferência, ainda que *voyeurística*, de um homem, ou sem o uso de um pênis postiço, sem o qual ao menos uma das partes não se satisfaria. Já entre homens, é estabelecida uma divisão clara entre aquele que penetra e aquele que se deixa penetrar. A heterossexualidade masculina não está condicionada à exclusividade sexual com mulheres, mas à inflexibilidade do seu “papel de homem”, penetrador, na relação sexual.

Todos esses elementos, e muitos outros, representantes de uma moral conservadora e reacionária¹⁵, presentes nos enredos de Carlos Zéfiro, podem perfeitamente ser contextualizados de acordo com a ambiência moral e comportamental na qual foram produzidos, já que exprimem valores e convicções morais bastante comuns no período. Quando resgatados, entretanto, a partir dos anos 1980, esses aspectos são ora ignorados, ora revalorizados de acordo com a ótica de então.

Otacílio D'Assunção, autor da obra mais crítica entre as três, dedica algumas páginas de seu livro à abordagem de conservadorismos e preconceitos inerentes aos *catecismos*, mas conclui ao final:

“Zéfiro está mais do que redimido por tudo o que fez. Possivelmente, ao morrer, irá direto para o céu, tamanha foi a importância que teve para toda uma geração, pois no fundo, só fez o bem. Mesmo os conceitos ideologicamente “errados” que poderia transmitir em suas histórias nada mais eram que o reflexo de todo um contexto coletivo dos anos 50/60” (D’ASSUNÇÃO, 1986: 169).

¹⁵ É preciso ressaltar, entretanto, que nem só de consequências funestas para determinadas transgressões viveu a obra zefiriana. Existem enredos bastante interessantes, que contrariam alguns dos preconceitos mais enraizados na sociedade que os consumiu, como o adultério feminino, muitas vezes apresentado como o castigo para um homem mau e abusivo; o casamento por amor entre prostitutas e ex-clientes ou até mesmo a salvação de um casamento por iniciativa do homem que, percebendo-se um mau marido, empreende uma exaustiva e humilhante conquista da esposa. Isso, sem contar os inúmeros casos de incesto e de práticas sexuais envolvendo religiosos, que agride diretamente a moral religiosa do período.

Enquanto os anos 1980 recuperaram os catecismos, a década de 1990 os sacralizou. Após ter seu segredo revelado¹⁶, Alcides Caminha recebeu o prêmio HQ Mix pelo conjunto da sua obra, mesmo não sabendo desenhar muito bem. A cantora Marisa Monte estampou um disco inteiro com seus desenhos¹⁷ e amadrinou, ao lado de Juca Kfourir, a Lona Cultural Carlos Zéfiro, fundada por Adailton Medeiros no bairro de Anchieta.

É interessante ressaltar que a Lona Cultural não é apenas um espaço batizado em homenagem a Zéfiro. Muitos elementos confirmam a hipótese de que ela se constitui um *lugar de memória* e um capítulo à parte na história de Zéfiro.

Adailton, que foi nascido e criado em Anchieta, desconhecia o fato de que o Sr. Alcides Caminha era o homem por trás do já então famoso Carlos Zéfiro. A idéia inicial era batizar a Lona em homenagem à atriz Fernanda Montenegro, que em dado momento da vida teria morado no bairro. Quando soube a respeito de Zéfiro, ficou decidido que a homenagem seria feita ao morador ilustre¹⁸.

De acordo com Adailton, Alcides era popular no bairro por suas atividades como compositor, e por seu envolvimento na organização dos bailes de carnaval e torneios de futebol. Poucos, entretanto, o associavam aos *catecismos*. Do mesmo modo, a viúva e os filhos de Alcides demoraram a perder o constrangimento que sentiam em relação às atividades de Zéfiro.

A fundação da Lona, em 1999, cumpriria o papel de resgatar e preservar a memória de Alcides/Zéfiro como uma figura importante não apenas para a comunidade, mas para a cultura nacional. Zéfiro não estava presente apenas no nome da Lona. Sua estrutura foi pintada com desenhos inspirados nos *catecismos* e o espaço abriga itens relacionados à trajetória do Alcides compositor e poeta, e do Alcides/Zéfiro, desenhista pornográfico.

¹⁶ A edição 196 da Revista Playboy, publicada em novembro de 1991, trazia o artigo *O fim de 30 anos de mistério*, assinado por Juca Kfourir, no qual era revelado que Carlos Zéfiro era, na verdade, Alcides Aguiar Caminha.

¹⁷ *Barulhinho Bom*, o disco em questão, foi lançado em 1996. A capa e o encarte foram assinados por Gringo Cardia, inspirado nos catecismos de Carlos Zéfiro. Ao ser lançado nos Estados Unidos, uma tarja preta foi acrescentada à capa para esconder os seios que a estampavam.

¹⁸ Entrevista dada à autora em 26/02/2013. Todas as informações sobre a Lona foram colhidas dessa entrevista.

É muito interessante observar que, na comunidade em que viveu, Zéfiro é lembrado tanto pelas atividades de seu pseudônimo quanto por seus trabalhos como compositor. Em 2001 o Bloco do Boi, um bloco carnavalesco tradicional de Anchieta, homenageou Carlos Zéfiro. O samba enredo, composto especialmente para a ocasião, versava sobre as “sacanagens” de Zéfiro, reproduzia trechos famosos de composições de Alcides e os foliões traziam estandartes com cenas dos *catecismos*¹⁹.

Desde 2005 a editora *A Cena Muda*, a partir da iniciativa de sua proprietária, Adda Di Guimarães, vem reeditando os *catecismos* de Zéfiro. Uma nota da editora, em cada exemplar, esclarece que a coleção “tem o intuito de resgatar a obra de Carlos Zéfiro da maneira mais fiel possível ao original, com o mesmo formato, papel e demais características”. As reproduções contam ainda com uma introdução, assinada por Joaquim Ferreira dos Santos²⁰, cujo texto se desenvolve em acordo com as visões consensuais de que Zéfiro educou sexualmente o brasileiro e de que promovia a igualdade entre os sexos em tempos de repressão. O texto termina com uma exaltação ao ídolo: “Hoje, se é essa bendita sacanagem que se sabe ao redor, acenda uma vela pro cara. Carlos Zéfiro, o pornógrafo ingênuo, libertou o tesão nacional. Saude-mo-lo. Descasque-mo-lo.”

Embora tenha se tornado menos evidente ao longo dos anos a associação entre Carlos Zéfiro e resistência à ditadura civil-militar pós-64, prossegue a noção de que Carlos Zéfiro é o ícone de um tempo perdido da pornografia. Arnaldo Jabor, leitor confesso dos *catecismos*, volta e meia retoma essa questão nos seus artigos:

“As fantasias eram narrativas. Pensávamos em professoras, nas mães dos outros. Os orgasmos eram literários: tinham personagens, conflitos, “grand finale”. Punheta era texto; hoje é videoclipe. Com as modernas revistas pornô, diminuiu muito a imaginação criadora dos descascadores de banana. Nossas fantasias sempre ficarão aquém da oferta da “indústria da sacanagem”. Somos masturbados por ela. Tanta liberdade, de fato, nos programa.” (JABOR, 1995)

¹⁹ Idem.

²⁰ O texto está presente em todas as reedições d’A Cena Muda, sob o título *O grande sacana*.

Quase dez anos depois, o mesmo Jabor continua lamentando os rumos da pornografia:

“Lendo o livrinho de Zéfiro “O viúvo alegre”, perguntei-me: Onde anda a boa e velha sacanagem de outrora? Sexo era pecado e até hoje sinto falta daquele tempero culposo, criminal, que fazia a fantasia nunca realizada mais desejada ainda. Não havia essa cachoeira infinita de imagens que hoje nos assolam e cegam por tanta visibilidade. Vemos tanto, que não enxergamos quase nada. Hoje, a infinita libertinagem da indústria do sexo acaba programando nosso desejo; somos masturbados por fantasias industriais. Sabemos cada detalhe do rabinho, do peitinho de cada mulher famosa, e o desejo se esvai por excesso de exposição.”
(JABOR, 2004).

Tais trechos levam a uma reflexão curiosa: ao mesmo tempo em que Carlos Zéfiro é um ícone da transgressão sexual de um tempo em que o sexo era um tabu hermético e sua ventura foi justamente quebrá-lo, esse tempo chega a ser saudoso quando comparado à atualidade, quando o sexo não é mais um segredo.

Em 2011 os *catecismos* fizeram parte da exposição *Comics Stripped*, no Museu do Sexo em Nova York, sendo os representantes do quadrinho erótico brasileiro. É muito simbólico que dentre os inúmeros cartunistas que se destacaram nessa modalidade, o escolhido tenha sido justamente o que não sabia desenhar e decalcava suas figuras de fontes como as fotonovelas e os livros de anatomia. Tal reflexão, longe de pretender questionar a legitimidade de Carlos Zéfiro como representante da pornografia ilustrada nacional, permite, mais uma vez, ponderar sobre o poder unificador e identificador da memória.

Em 2011 entrou em cartaz a peça *Os catecismos segundo Carlos Zéfiro*. Escrita e dirigida por Paulo Biscaya Filho, a peça vale-se de um misto de artes cênicas e cinema para contar a pitoresca trajetória de Zéfiro.

No ano seguinte estreou no Festival de Cinema do Rio o curta *Zéfiro Explícito*²¹. Muito aclamado pela crítica, o filme percorre a trajetória de Carlos Zéfiro e conta com testemunhos de familiares e figuras envolvidas no seu “redescobrimento”, como Otacílio D’Assunção e Juca Kfourí.

²¹ O documentário foi dirigido por Sergio Duran e Gabriela Temer.

Desde o seu resgate, empreendido a partir de 1980, a imagem de Carlos Zéfiro e os discursos acerca dela, se reproduzem de forma consensual. Cristalizou-se a imagem de um artista genial e transgressor que representou a sexualidade brasileira, tanto quanto a inspirou e instruiu. Nessas falas, Zéfiro é ao mesmo tempo inocente e sacana, e o conteúdo dos catecismos revela sentidos, transgressões, liberdades e representações que poucas vezes dizem respeito à ambiência moral em que foram produzidos, mas sim àquela em que são revistos.

Bibliografia

D'ASSUNÇÃO, Otacílio. *O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro*. Rio de Janeiro: 3º ed., Record, 1986.

DEL PRIORE. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na História do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

GOULEMOT, Jean-Marie. *Esses livros que se lêem com uma só mão: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

HUNT, Lynn. *A invenção da pornografia*. São Paulo: Hedra, 1999.

JABOR, Arnaldo. *Carlos Zéfiro*. O Globo, 05/09/2004.

_____. *Nossas mãos assassinas matavam milhões*. Folha de São Paulo, 03/10/1995.

JUNIOR, Jorge Leite. *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia bizarra como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 2006.

KFOURI, Juca. *O fim de 30 anos de mistério*. Playboy, nº 196, novembro de 1991. pp. 94-97, 159.

KLANOVICZ, Luciana. *Erotismo sob censura na redemocratização brasileira dos anos 1980*. Anais do Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC; AMPUH-SC; PPGH 2011.

MANINI, Daniela. *A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80*. In: http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-3/Artigo-2-p45.pdf.

MARINHO, Joaquim. *A arte sacana de Carlos Zéfiro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *Os alunos sacanas de Carlos Zéfiro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1986.

MEDEIROS, Adailton. Entrevista concedida à autora em 26/02/2013.

MENESES, Ulpiano. *Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico*. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo: Universidade de São Paulo, Nova Série, v. 2, p. 9-42, 1994.

NORA, Pierre. Entre *memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História, nº 10, dezembro de 1993. pp.7-28.

PEREIRA, Cristiana Schettini. *Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Campinas, 1997.